



José Cardoso Pires

"NEC PLUS ULTRA"

Bebia na vertical, ou seja, de pé (para escorrer melhor o "whisky") e em matéria de negócios navegava à bolina, isto é, "com a proa chegada à linha do vento", como mandam os manuais. Com estas duas regras, o meu amigo João Maria Simões Lebre atravessou a vida em fortuna e deixou um rasto de ironia que ainda hoje perdura.

Perguntem aos "barmen", perguntem aos "barmen". Eles que digam se, desde o Pabe ao Snobíssimo de Cascais, com o Gambrinus, o Fontória e outros entrepostos pelo meio, conheceram bebedor mais digno e mais poderoso do que o doutor Simões Lebre, honra à sua memória. Pe-

Dormia pouco. Dormia nada. A meio da manhã já estava na sua fábrica de mármore artificiais, lá para os lados de Saavém, fresco e tranquilo como um soba. Matéria não lhe faltava e ele, além de bem herdado, curso em Harvard e "nec plus ultra" no universo do "whisky", tinha humor suficiente para cercar o Miguel Ângelo com mármore de pato-bravo. O que lhe complicava a fortuna era a mafia dos cais.

sado de corpo e aglíssimo no pensar, abatia Logans de 20 anos e outros "whiskies" de mais velha sabedoria com a naturalidade de um navegador de longo curso em mar chão e céu limpo. De quando em quando, saltavam-lhe peixes-voadores à volta do copo com mexericos de bar, mas ele nem os olhava e seguia a direito, rumo ao horizonte dourado da bebida.

Era um homem só para os amigos, dizia ele. Mas tinha-se divorciado de uma milionária americana que lhe aparecia todas as noites em pesadelos de suores frios, apesar de ter atravessado o Atlântico a toda a vela e fixado residência no Hotel Dom

Carlos, quase à sombra da estátua do Marquês e do seu leão protector.

Foi lá que o descobri, lado a lado com Sttau Monteiro, seu amigo dos anos de Londres. A partir daí, passei a andar com ele por muitas capelas de "gin" e "scotch" e, pelos anos fora, fui-lhe aprendendo a vida e o humor até altas horas da noite. Despediámo-nos à porta do carro, onde o esperava o chofer estremunhado. E então era sabido: João Maria, vertical e bem atestado, punhase a farejar o homem, porque, dizia ele, de bêbados ao volante estava o paraíso cheio e quem ia para o inferno era o passageiro.

Dormia pouco. Dormia nada. A meio da manhã já estava na sua fábrica de mármore artificiais, lá para os lados de Sacavém, fresco e tranquilo como um soba.

Mármore artificiais é coisa que só lembra ao diabo, não sei porquê. Ainda por cima, mármore que exportava às toneladas para países impensáveis, e em especial para a Itália, a pátria do Miguel Ângelo e das pedras de Carrara. Matéria não lhe faltava ("Isto aqui, menino, é um país de restos e de poeiras.") e ele, além de bem herdado, curso em Harvard e "nec plus ultra" no universo do "whisky", tinha humor suficiente para cercar o Miguel Ângelo com mármore de pato-bravo. O que lhe complicava a fortuna era a mafia dos cais — o guarda-fiscal, os estivadores e outros inconfessáveis que atrasavam os embarques para lhe sacar uns dinheiros à margem da contabilidade.

Até que, num jantar de família, João Maria conheceu o célebre Almirante Tenreiro, imperador dos mares lusitanos e de todas as capitánias, e ao ver aquele Adamastor sentiu um vento maligno a assoprar-lhe nas ideias e falou-lhe de negócios.

Negócios era aquilo para que o Almirante tinha melhor ouvido. De modo que quando o João Maria lhe pediu um colaborador de confiança para a sua fábrica, mandou-lhe logo um protegido lá dos deles: um engenheiro patriotíssimo,

com um emblema da Legião Portuguesa, tão assustador que os mafiosos do cais perderam o pio para sempre.

O pior é que "o sacana do Engenheiro", palavras de João Maria, "era um fascista delirante que em cada operário via um Karl Marx a arrotar criancinhas" e às duas por três, zás, dois dos operários mais antigos da fábrica já estavam a ferros no Forte de Caxias. Isto para começar.

Aí João Maria não esteve com mais coisas. Fez as contas ao Engenheiro que o livrara dos mafiosos, subtraiu as prisões políticas que ele começara a averbar e concluiu, pelo saldo, que era altura de o remeter à madre que o parira. Ao Almirante, já se vê.

Foi ter com o dito ao seu castelo de mar e guerra, como quem pede conselho. Sublinhou o patriotismo do homem em questão, assiduidade, coisa e tal, mas a desconfiança era sempre perigosa, observou, numa empresa como a dele onde sempre reinara a disciplina e o trabalho. E com o Engenheiro tudo mudara, então isto não era de desespear?

"Está-me a fazer uma média de dois comunistas por mês, calcule V.Exa.!"

Dois comunistas, o Engenheiro? Felizmente que o Almirante Adamastor era de cálculo rápido em contabilidade subversiva e logo ali pôs de parte o protegido. Política é prudência e o Engenheiro que fosse à vida. E já que falara em prudência, ele próprio, Almirante, iria providenciar para serem libertados os dois trabalhadores detidos.

Nessa noite, despejámos em alegria quase uma garrafa de "Nec Plus Ultra" e nunca bebi nada mais ultra do que aquilo.

Foi dessas palavras que me lembrei, quando, anos depois, acompanhei ao cemitério o corpo de João Maria. Ao alto do jazigo havia um anjo a recebê-lo de asas abertas, como se dissesse: "Que os céus se abram a tão ilustre bebedor."

Era um anjo em mármore autêntico, real. Mas triste e cansado dos mortos. ●